

TENDÊNCIAS POLÍTICAS ESTUDANTIS - UM RESGATE HISTÓRICO DAS ELEIÇÕES PARA O DCE-LIVRE DA USP ENTRE 1976 E 1979. Deborah Schmidt Neves dos Santos, Eliana Maria de Melo Souza. – Sociologia - Ciências Sociais - Departamento de Sociologia - Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara.

Durante a segunda metade da década de 1970, o movimento estudantil da Universidade de São Paulo (USP) se vê diante de uma ascensão singular dentro do período de 21 anos de Ditadura Militar (1964-1985).

Através de uma reorganização que o movimento estudantil da USP vinha traçando desde 1971, os estudantes acumulam forças e, em 1975, estoura a greve da Escola de Comunicações e Artes (ECA).

A greve da ECA foi de extrema importância para o movimento estudantil, pois possibilitou grandes discussões através das freqüentes Assembléias Gerais Universitárias. Segundo Celso Marcondes: “... cada vez mais freqüentes [as] assembléias gerais universitárias, que uniam estudantes das diversas faculdades, [tornaram] palpável a reconstrução do Diretório Central.” (MARCONDES, C. 1997, p. 7).

Após a greve da ECA e a mobilização em protesto ao assassinato de Vladimir Herzog, a necessidade de se criar uma entidade central torna-se cada vez mais urgente. Em maio de 1976, é criado o primeiro DCE-Livre do país, que agrega ao seu nome o do estudante Alexandre Vannuchi Leme¹.

A principal característica do DCE recém criado da USP é seu desatrelamento das instituições universitárias, por isso ele se denomina DCE-Livre, livre de qualquer interferência que não seja proveniente das deliberações estudantis².

Iniciando um processo de extrema importância ao criarem o primeiro DCE-Livre do país³, os estudantes da USP mostram tanto sua compreensão do momento específico em que se encontra o regime militar – em crise econômica e em crise interna de poder – quanto a capacidade que tiveram em fazer a crítica em relação à luta armada e iniciar um novo tipo de organização estudantil.

É por isso que o movimento estudantil da segunda metade da década de 1970 é tão singular. Nas palavras de Celso Marcondes, são os estudantes da USP os primeiros que “*botam a cara para bater*”, tornando-se o principal grupo de oposição ao regime militar.

Ao sair às ruas pela primeira vez em 30 de março de 1977, desde a decretação do AI-5 em dezembro de 1968, o movimento estudantil da USP abre espaço para que outros grupos também possam lutar contra o regime militar – especialmente a classe trabalhadora, completamente desarticulada pela repressão.

A partir da principal bandeira levantada durante toda a segunda metade dos anos 70, “pelas liberdades democráticas”, outros grupos se juntam aos estudantes, unificando as lutas e tirando o movimento estudantil de seu isolamento característico. Essa dinâmica é o grande traço diferenciador do movimento estudantil do período estudado.

É durante esse processo que o DCE-Livre da USP se torna a entidade representativa dos estudantes dessa Universidade, pois é ele o principal articulador das lutas estudantis e o que fala em nome dos estudantes da USP.

¹ Estudante da Geologia preso pelos órgãos da repressão dentro da Cidade Universitária e assassinado em 17 de março de 1973. No dia 22 de março os órgãos da repressão divulgaram sua morte por “atropelamento”, o que gerou a revolta por parte dos estudantes. No dia seguinte houve uma assembléia no Instituto de Geologia, que aprovou, entre outras medidas, a realização de uma missa de sétimo dia e a decretação de luto. No dia 30 de março cerca de 5 mil pessoas, apesar da repressão, compareceram à celebração da missa na Catedral da Sé.

² Isto se dá porque, em 28 de fevereiro de 1967, há a revogação da Lei Suplicy de Lacerda (Lei 4.464 de 1964) através do Decreto-Lei 228 que definia as regras de representação estudantil, interferindo na dinâmica das entidades, definindo inclusive como se daria sua manutenção financeira. Porém, nunca foi seguida a risca pelo conjunto dos estudantes.

³ Digo que eles iniciam um processo, pois a partir da criação do DCE-Livre da USP, outras universidades tanto pagas quanto públicas, de todo o país, resolvem seguir o exemplo dos estudantes da USP e criam também suas entidades livres. Por exemplo: DCE-Livre da UFMG e DCE-Livre da PUC-SP.

Ao analisar as chapas vencedoras para a direção do DCE-Livre da USP estamos também procurando entender como a nova dinâmica do movimento estudantil foi tão importante para a reorganização da oposição.

Diferentes fontes documentais informam nosso trabalho: plataformas políticas e cartas-programa das tendências políticas estudantis, boletins das gestões do DCE-Livre da USP, jornais de circulação interna à universidade bem como jornais de grande circulação e artigos e publicações recentes sobre o assunto. Consultamos tais documentos nos seguintes arquivos: Arquivo do Estado de São Paulo – fundo DEOPS; Arquivo Edgard Leuenroth (AEL) – UNICAMP; e no Centro de Documentação e Memória (CEDEM) – UNESP.

Como a pesquisa se insere em um projeto maior: *Cultura e Política – a geração dos anos 70 e depois. Um tópico para a crítica da experiência brasileira* da professora Eliana Maria de Melo Souza, os resultados de nossa pesquisa também contemplam dados coletados nas entrevistas que já foram realizadas com militantes e lideranças das tendências políticas estudantis.

As tendências políticas estudantis, objeto de nosso estudo, (pois constituíam as principais chapas que concorriam à direção do DCE-Livre da USP), surgem primeiro como grupos. Somente com a apresentação de seus programas, propostas e estratégias de ação é que esses grupos se configuram como tendências políticas estudantis. Essa maior visibilidade proporcionou um melhor acompanhamento de suas ações pelo conjunto dos estudantes. Com isso, há uma maior adesão dos estudantes que se afinam tanto à posição política defendida pela tendência quanto às lutas pelas liberdades democráticas – principal bandeira levantada pelo movimento estudantil da época. (PELLICCIOTTA, M., 1997).

Em maio de 1976, quando da recriação da entidade central dos estudantes da USP, é realizada a primeira eleição para a recém-criada entidade. Cinco chapas concorrem. São elas: “Refazendo”, “Caminhando”, “Liberdade e Luta”, “Alternativa” e “Organizar a Luta”. Porém, estranhamente as urnas desaparecem do Centro Acadêmico de Economia e Administração – Visconde de Cayru. Novas eleições são chamadas para o dia 18 de maio juntamente com a convocação de uma vigília das urnas no prédio da História e Geografia. A vigília se transforma em uma noite de debates, festa e atividades culturais, sendo eleita com 4.362 votos a chapa “Refazendo”, seguida por “Liberdade e Luta” que ficou com 2.955 e em terceiro lugar “Caminhando” com 1.497 votos – cerca de 14 mil estudantes votaram.

Essa classificação expressa claramente as três principais tendências políticas estudantis do movimento estudantil da USP. Segundo Celso Marcondes: “... um grupo formado por remanescentes da AP iria formar a Refazendo, o PCdoB formaria a Caminhando, os trotskistas construiriam a Liberdade e Luta” (MARCONDES, C. 1997; p.7). As outras tendências que concorreram nessa primeira eleição eram ligadas, no caso da “Organizar a Luta”, ao Movimento pela Emancipação Proletária (MEP) e “Alternativa” era ligada à Política Operária (POLOP). (AZEVEDO, R. 1997. p. 12).

Nas eleições seguintes, ocorridas durante os dias 1 e 2 de junho de 1977, novamente cinco chapas concorreram. São elas: “Refazendo”, “Liberdade e Luta”, “Caminhando”, “Resistência” e “Mobilização”.

“Resistência” era uma chapa formada pela fusão de duas outras chapas que concorreram nas eleições anteriores: “Alternativa” e “Organizar a Luta”. Já a chapa “Mobilização” era a primeira vez que concorria à direção do DCE-Livre da USP.

No jornal *Folha de São Paulo*, do dia 31 de maio de 1977, em manchete intitulada: “Eleições no DCE da USP começam amanhã”, é feita uma abordagem sucinta dos programas defendidos por cada chapa. Segundo a reportagem, as chapas não diferem muito entre si quanto ao programa defendido, salvo algumas exceções como “Liberdade e Luta” que defende a “Assembléia Nacional Constituinte democrática e soberana”, as demais defendem pontos semelhantes como mais verbas para a educação, liberdades democráticas e de expressão, anistia ampla geral e irrestrita, melhores condições de vida e trabalho entre outras.

Neste ano cerca de 16.000 estudantes comparecem às urnas para votar. Confirmando a lenda de que “Refazendo” sempre ganhava nas urnas enquanto “Liberdade e Luta” ganhava nas Assembléias, Refazendo é reeleita e segue para seu segundo ano de diretoria do DCE-Livre da USP. Enquanto “Liberdade e Luta” era conhecida por seus bons oradores.

Aqui estamos lidando com as tendências estudantis no seu conjunto. Como já foi observado:

“Nas primeiras eleições para o DCE, as chapas não apresentavam os nomes de seus candidatos. Em parte, isso era devido a uma concepção de buscar não destacar nomes e sim idéias, mas em grande medida essa atitude era motivada pela necessidade de preservar as lideranças. Os estudantes votavam sem saber quem iria fazer parte da diretoria, só depois de eleita a chapa vencedora apresentava seus componentes. Formalmente não havia presidentes. Era um colegiado de diretores.” (AZEVEDO, R. 1997, p. 11)

Quanto às eleições do ano de 1978, sete chapas concorreram às eleições, conforme nos indica o boletim do DCE - Gestão Refazendo – 77/78: “Liberdade e Luta”, “Refazendo”, “Caminhando”, “Vento Novo”, “Novo Rumo Socialista”, “Viramundo” e “Alicerce”.

No mesmo documento a gestão Refazendo faz algumas considerações a respeito dos resultados das eleições. Ao levar em consideração os 10.006 votantes, Refazendo sugere um *“enfraquecimento momentâneo da entidade”*, segundo a gestão, consequência tanto do distanciamento da entidade do conjunto dos estudantes quanto da campanha eleitoral pouco movimentada. Porém, cabe pensar o enfraquecimento da entidade também como consequência direta da reorganização da classe trabalhadora bem como do próprio movimento estudantil.

Tendo em vista que no ano de 1978 há a reconstrução da União Estadual dos Estudantes de São Paulo (UEE-SP) e o início das greves operárias do ABC – lideradas pelo Sindicato dos Metalúrgicos e por seu maior expoente, o Lula -, fica claro que o movimento estudantil da USP e sua entidade central deixam de ser a principal oposição ao regime militar.

Segundo Celso Marcondes:

“Em 1978, Lula e os metalúrgicos do ABC tinham roubado a cena e davam o passo decisivo que levaria ao fim da ditadura. Ao mesmo tempo, outras categorias profissionais também avançavam na retomada de seus sindicatos das mãos dos pelegos e faziam movimentos importantes.” (MARCONDES, C. 1997; p.9).

Assim, o DCE-Livre da USP se vê diante de problemas internos de representatividade, grande parte provenientes da diretoria da entidade que não consulta mais os estudantes para tomar as decisões. Ela mesma reconhece o erro e assume a derrota nas urnas. “Liberdade e Luta” é quem ganha com 2.260 votos, 69 votos a mais que a segunda colocada “Refazendo”.

Devido a essa pequena diferença, “Refazendo” insatisfeita com a situação, se declara desde já oposição à nova diretoria:

“A nosso ver, a diretoria eleita – Liberdade e Luta – oferece uma perspectiva incorreta, assentada em uma análise da situação política do país que pouco tem a ver com a realidade, e atua com métodos de luta e mobilização e com uma visão de democracia do movimento que julgamos profundamente incorreta.” (Boletim do DCE – Refazendo gestão 77/78).

No ano de 1979, novas eleições ocorrem entre os dias 18 e 19 de setembro. Seis chapas concorreram, conforme nos indica o jornal Folha de São Paulo do dia 18 de setembro de 1979: “Liberdade e Luta”, buscando a reeleição; “Sacode a poeira”, junção de “Caminhando” e “Refazendo”; “Todo mundo no DCE”, a chamada *“esquerda ortodoxa”* do movimento estudantil, “Novação”, junção da chapa “Resistência” com a Convergência; “Política Independente”, cisão de “Liberdade e Luta”; e, por fim, “Manifestação”, que não é considerada uma tendência, mas sim um grupo que une partes de quase todas as tendências.

Durante as eleições registrou-se um baixo comparecimento de alunos, cerca de 9.000 votaram, o mais baixo desde 1976. Os motivos, segundo os estudantes, foram as eleições da UEE, ocorridas no final de agosto e a campanha da chapas que disputariam a UNE em outubro. A proximidade das datas ao invés de mobilizar os estudantes, os afastou.

Contudo, pensar de eleições próximas umas das outras mobilizaria os estudantes é incorrer no erro de acreditar que o movimento estudantil da USP continua forte, o que não é verdade. O baixo comparecimento às eleições é resultante de uma situação política que vem se arrastando desde 1978. O

DCE já não é mais o grande mobilizador do conjunto dos estudantes. “*Quando a UNE foi refundada (...) em 79, o ME já havia virado coadjuvante do movimento social*” (MARCONDES, C. 1997; p.9).

De toda forma, as eleições ocorrem normalmente e para surpresa dos estudantes, “Todo mundo no DCE”, a chamada esquerda ortodoxa, é eleita para a direção do movimento estudantil da USP. Sua vitória surpreende, pois “Liberdade e Luta” e “Sacode a Poeira” eram consideradas as chapas favoritas. “Liberdade e Luta” por ter sido a gestão anterior, e “Sacode a Poeira” por ser a junção das outras duas tendências políticas estudantis mais fortes na USP.

Porém, apesar de defender o fortalecimento do MDB e sua transformação em um partido popular e de massas, mesmo enquanto grande parte dos estudantes apóiam a consolidação do Partido dos Trabalhadores, “Todo mundo no DCE” vence com 2.641 votos. “Sacode a poeira” fica em segundo lugar com 2.284 e à “Liberdade e Luta” resta o terceiro lugar com 1.653 votos.

Esse corte drástico na orientação política do movimento estudantil da USP que acontece nas eleições de 1979 nos indica a queda da radicalidade e da importância do movimento estudantil da USP, consequência clara da situação que o ME está passando, já que, como ressaltamos desde 1978 o movimento estudantil inicia sua saída do primeiro plano da oposição ao regime.

Por esses motivos é que o período recortado em nosso estudo termina no final da década de 1970 juntamente com o fechamento do ciclo que se abre para o movimento estudantil entre 1975-1976 quando da abertura lenta, gradual e segura da ditadura e da reorganização do movimento estudantil.

No estudo deste período destacamos a singularidade do movimento estudantil que renasce no seio de um regime em crise. Ao contrário do que dizem muitos estudiosos da ditadura militar, não consideramos os anos 70 como um período de mera transição entre a radicalidade dos anos 60 e a redemocratização dos anos 80. Ele apresenta relevância específica, que reside justamente no fato de ter sido a ponta da lança, senão o pilar para a importante reorganização da oposição aos militares.

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Ricardo. Medo e Liberdade. *Teoria e Debate*-revista trimestral da Fundação Perseu Abramo, São Paulo, ano 10, nº 35, p.10-13, jul/ago/set 1997.

CHRISPIANO, José. Na criação do DCE Livre, uma derrota da ditadura. *Revista Adusp- Associação dos Docentes da USP*, São Paulo, n 33, p.69-73, outubro de 2004.

MARCONDES, Celso. Anos incríveis. *Teoria e Debate*-revista trimestral da Fundação Perseu Abramo, São Paulo, ano 10, no 35, p. 4-9, jul/ago/set 1997.

MUNIZ, Ricardo e FERRAZ, Júlia. Lenta e insegura. *Ditadura no Brasil – Tudo dobre o regime militar de 1964 a 1985*. Edição definitiva. Abril, São Paulo, 2005, p 49-51.

PELLICCIOTTA, Mirza Maria Baffi. Uma Aventura Política: as movimentações estudantis dos anos 70. Campinas. 1997. Dissertação de Mestrado em História Social – IFCH/UNICAMP.

Eleições no DCE da USP começam amanhã. Folha de São Paulo. São Paulo. 31 de maio de 1977

Boletim do DCE – Refazendo- gestão 77/78.